



Revista Igarapé
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

POR UM ENSINO MULTICULTURAL NA AMAZÔNIA¹

Nuria Sagué Lopez²
Dr. Miguel Nenevé³
Dra. Nair Ferreira Gurgel do
Amaral⁴

RESUMO: Neste artigo, explora-se a prática de um ensino multicultural que possibilita ao discente ser sujeito, compreendendo a história, o espaço e o tempo como fatores que transformam uma sociedade, rejeitando qualquer forma de preconceito e discriminação, possibilitando, assim, um ensino multicultural para enxergar a heterogeneidade de culturas existentes entre o eu e os outros. Por isso, este trabalho traz uma pesquisa que envolveu trinta professores de língua portuguesa da rede estadual do ensino básico do município de Ariquemes, do estado de Rondônia, região norte do Brasil. A partir de estudos feitos por Peter McLaren, Stuart Hall, Mikhail Bakhtin entre outros, este é um desafio aos docentes pós-modernos, que devem possibilitar um ensino de línguas que compreenda o multiculturalismo capaz de produzir mudanças em toda a sociedade. A concepção dialógica possibilita a construção do conhecimento, tecendo discursos que coletivamente dialogam entre o eu e os outros, construindo uma prática pedagógica crítica e indagadora que respeite o estudante, sua cultura, suas variedades discursivas e seu mundo dentro da história, do tempo e do espaço.

Palavras chave: Identidade. Diferenças. Multiculturalismo. Ensino-Aprendizagem. Amazônia.

ABSTRACT: In this article we explore the multicultural teaching practice. We argue that teaching from a multicultural perspective we enable student to be subjects, who understand the history, space and time as factors which transform a society. In this way we can fight against any form of prejudice and discrimination, thus enabling, a multicultural view of the world and offering opportunities to consider the world of the others. This is a great challenge for contemporary professionals in Education who need to offer a teaching from multiculturalism perspective within a dialogical conception of education. The challenge is to promote a dialogue between self and others, establishing a critical and innovative pedagogical practice which respects the students, their discursive varieties in the history, time and space. . Our research involved thirty Portuguese teachers working in Fundamental schools Ariquemes, Rondonia, North of Brazil. Studies by Peter McLaren, Stuart Hall, Mikhail Bakhtin, among others give support to our research.

Keywords: Identity. Differences. Multiculturalism. Teaching and Learning. Amazon

¹ Artigo Científico apresentado ao Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, ao Componente Curricular Cultura e Amazônia.

² Mestre em Letras –UNIR.

³ Doutor e Docente do Mestrado em Letras - UNIR.

⁴ Doutora e Docente do Mestrado em Letras - UNIR

1 Identidade, Diferenças e Amazônia

Na sociedade pós-moderna, a questão da identidade encontra-se centrada nas teorias sociais e práticas políticas. Esse fato proporciona o surgimento de novas formas de identidade que entram em conflitos com as antigas, a família, a religião, o trabalho e outras que se apresentam em crise e buscam cada vez mais estar em evidência, retratando-se na nova esfera social.

Kathryn Woodward (2000) afirma que a identidade se constrói a partir de dois aspectos: simbólico e social, o simbólico seria os valores nacionais: as comidas, os costumes, a Língua e suas variedades linguística, as expressões, enquanto o social baseia-se na “memória coletiva” que é composta de memória, história, tempo e espaço. Na visão da teórica “Os sistemas simbólicos fornecem novas formas de se dar sentido à experiência das divisões e desigualdades sociais e aos meios pelos quais alguns grupos são excluídos e estigmatizados. As identidades são contestadas” (WOODWARD, 2000, p. 19).

A partir dessa perspectiva de pensamento, verificamos que a cultura é uma marca, uma identidade de determinado grupo e suas principais características são as normas e regras incorporadas. Por isso, culturas são diferenças, porque os seres humanos são diferentes. As identidades são diversas, opondo-se a diferença, pois um grupo é diferenciado de outro a partir da identidade, porque para um grupo é necessário ser o que o outro não é.

No olhar de Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 76) a identidade é conceituada como “aquilo que se é” e a diferença como “aquilo que o outro é”. Associando-se às ideias de Woodward, Silva afirma que a identidade e a diferença são representações, ou seja, criações da linguagem. “Além de serem interdependentes, identidade e diferença compartilham uma importante característica: elas são resultados de atos de criação linguística”.

Olhando por este viés, percebemos que a identidade e a diferença relacionadas ao poder elevam o âmbito dos conflitos e desigualdades sociais. Eis o que declara Silva sobre a questão da identidade:

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isto significa que sua definição - discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relação de poder. Elas não são simplesmente definidas elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas (SILVA, p. 81).

Em assim sendo, acreditamos que todos os indivíduos pertencentes a um grupo necessitam da sensação de pertencimento, desta identidade que possibilita a estes se verem retratados integrantes de um grupo de maneira diferente de outros grupos.

Já Stuart Hall (2001) destaca como as culturas nacionais tendem a unificar as diferenças em uma só identidade, na visão do teórico, “Quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade”. (HALL, 2001, p. 65). *(grifo do autor)*.

Nesse caminhar, compreendemos que é a partir da globalização que as identidades culturais poderão se desintegrar resultando a homogeneização cultural ou pelo pós-moderno global, assim estas serão reforçadas ou aparecerão em novas identidades. Como pontua Hall, “À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 2011, p. 74).

Nesse sentido, a identidade é um processo contínuo de representações, que surge dentre às diferenças, constituída pelo sentimento de pertencimento e influenciada pelo contexto histórico-social.

Isso posto afirmamos que para se reconhecer a identidade é preciso levar em consideração o discurso que lhe atravessa, compreendendo-o como algo vivo sistêmico e constante que se relaciona as outras vozes; ações, sentimentos, silenciamentos, ideologias, olhares. É necessário reconhecer que esse deve ser analisado em suas condições de produção no espaço e no tempo, pois a palavra, parafraseando aqui Mikhail Bakhtin tem um grande valor na construção da consciência, já que possui a função de signo e é fenômeno ideológico.

A Amazônia brasileira é, ao mesmo tempo, singular e plural, carregada de muitas identidades que transbordam em diferenças. Ribeirinhos, caboclos, indígenas, negros, brancos, homens e mulheres que de todas as partes do mundo vieram em busca do *El Dorado*, são importantes na composição deste mosaico cultural.

Logo, percebemos os discursos que compõem a Amazônia e aceitarmos toda esta diversidade, e entendermos que a diferença cultural possibilita novos olhares ao outro, por isso acreditamos que toda sociedade é composta de um sistema de representação composto de mitos, crenças, histórias que possibilitam a ordem social que tem como objetivo legitimar os sistemas simbólicos.

Nessa guinada de pensamento perguntamos como compreender a composição deste sistema simbólico na Amazônia? Esta é uma pergunta um pouco ingênua, pois a resposta é clara ao perceber que o homem amazônico é composto por várias culturas e por um ambiente repleto de simbolismo: árvores, rios, chuvas, secas, queimadas, homens, mulheres, paisagens que apresentam um paradoxo entre o real e o imaginário que compõem toda uma tela pluridimensional aos olhos dos visitantes. A construção do universo amazônico compõe-se de repletos sentidos e significados compostos por uma diversidade cultural, mas ao mesmo tempo singular.

Assim, o Multiculturalismo está presente na diferença, que permite compreender a formação do povo da Amazônia brasileira, retratando sua igualdade ao mesmo em que retrata toda sua heterogeneidade cultural.

2 Multiculturalismo como Movimento Teórico e como Prática Social

O multiculturalismo emerge nos anos setenta do século vinte em território americano com o objetivo de apresentar uma abordagem curricular oposta a qualquer forma de preconceito e discriminação no espaço escolar, como também um movimento social em defesa das lutas dos grupos culturais negros e outras “minorias”. Gonçalves e Silva (1998) situam o início do movimento no final do século XIX, com as lutas dos afro-descendentes, que buscavam a igualdade de exercício dos direitos civis e o combate à discriminação racial no país.

Como enfatiza Hall (2003, p. 52), o Multiculturalismo apresenta-se como estratégias e políticas usadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade em sociedades multiculturais.

Para o professor canadense Peter Maclaren (2000), existem algumas tendências: o Multiculturalismo Conservador e Multiculturalismo Crítico. O primeiro percebe a diversidade cultural como algo que se assimila à cultura tradicional, que tem como centro os padrões patriarcais, os brancos, os euro-americanos. O segundo possibilita as transformações sociais e históricas que naturalizam os sentidos culturais; essa tendência rejeita as concepções que defendem a cultura e a identidade como homogêneas.

Segundo Miguel Nenevé (2009, p. 14):

O multiculturalismo é um sistema de crenças e comportamentos que reconhece e respeita a presença de todos os grupos diversos em uma organização ou sociedade, reconhece e valoriza as suas diferenças sócio-culturais e estimula e capacita sua contribuição continuada com um contexto cultural inclusivo dando poder a todas as pessoas nesta organização ou sociedade.

Dessa forma, compreender o Multiculturalismo é perceber que existe o outro, e muitos outros dentro de uma sociedade, culturas, vocábulos, identidades variadas que contribuem para a formação de diversas organizações. Acredita-se que tudo se transforma e é a partir deste movimento contínuo da vida que as culturas com o convívio de outras mudam, e estas evoluções são fundamentais para a composição e o equilíbrio da heterogeneidade cultural.

3 O Professor Multiculturalmente Orientado na Amazônia Brasileira

Historicamente, o docente e a instituição escolar brasileira vêm sendo responsabilizados pelo baixo nível de aprendizagem, principalmente da prática da leitura e da escrita, talvez porque estes representem para os estudantes e a sociedade a instância mais imediata, visível e concreta do ensino. É importante observar que nem sempre as causas reais de todos os problemas se localizam dentro das quatro paredes da escola, ou seja, pedagógicas. Verifica-se que a escola reproduz os limites, preconceitos e valores que existem na sociedade como um todo. E não é diferente com o docente na Amazônia brasileira, como em todo território nacional alguns professores reproduzem um discurso colonizador, que perpetua e difunde a discriminação e o preconceito social.

Diante da miscigenação existente no contexto amazônico, percebemos uma grande influência de todas as regiões brasileiras como também mundial, assim as cidades foram construídas e ainda preservam a cultura de origem, porém muitas vezes silenciam e sufocam o já existente naquele local, a partir da exaltação da beleza de outros lugares e desprezando a diversidade cultural local.

Uma colonização que traz marcas de pessoas que já foram colonizadas e que possuem um discurso de colonizador carregado de uma ideologia do imperialismo

dominante acreditando que tudo se justifica, principalmente a violência, para saquear e empobrecer as riquezas e culturas dos dominados.

Infelizmente, na região norte, é notório nas escolas a utilização exclusiva de textos que apresentam a economia, a história, os costumes, diversidade linguística e cultural do sul ou do sudeste brasileiro, enaltecendo e privilegiando autores renomados que constituem o cânone, os textos que glorificam a realização do colonizador, muitas vezes para negar ou menosprezar as outras culturas. Que são representadas como subalternas e/ou retrógradas.

Todavia, é fundamental que a sociedade participe de forma consciente do que ocorre no ambiente escolar, auxiliando os professores a buscarem de forma real novidades que modifiquem cada vez mais a vida escolar dos alunos, como também firmar parcerias com a comunidade na busca de novas ideias e soluções dos problemas.

Com a pós-modernidade a sociedade encontra-se em um processo de transformação e a escola como órgão motivador do conhecimento e das descobertas, também se encontra diante destas mudanças, porém muitas vezes não consegue acompanhar e dinamizar o ensino-aprendizagem, por isso abrir suas portas para o novo, o diferente é possibilitar ao discente e ao docente serem sujeitos, que participam de forma direta das novas formas de conhecimento.

A partir desta perspectiva é prioridade que professores, governos e comunidade escolar tenham preocupações em discutir ações que permeiem a cultura do povo, sua diversidade, seus valores e crenças afirmando o compromisso político de transformação.

O docente deve defender um currículo multicultural carregado de diversidade, vivo e heterogêneo, pois só assim este valorizará, compreenderá o outro e favorecerá a melhoria da qualidade do ensino.

É de fundamental importância que o professor se sinta sujeito ativo das mudanças sociais, pois este tem a possibilidade de conscientizar a sociedade. Acreditar e transformar suas aulas em uma prática constante de liberdade, sem preconceitos ou discriminações a partir de todos os discursos que compreendem uma sociedade

diversificada de linguagens, culturas, religiões, artes, músicas, danças, variedades linguísticas e todas as diversas formas de expressão. Ver o outro como diferente, respeitando-o e proporcionando voz a quem sempre foi silenciado.

Construir uma prática docente não alienada ao nosso contexto social é fundamental para que o profissional de educação não se sinta sujeitado à rotina pedagógica que ocasiona e reproduz a desigualdade dentro e fora da escola.

A sociedade necessita de uma prática docente que perceba o discente como um ser inteiro e sua aprendizagem coletiva, que tenha outros discursos, não só o de dentro da escola, como também fora dela e de toda a sociedade que a compõe. Esta prática deve ser construída e percebida a partir de uma diversidade étnica e cultural de um povo e sua história. Como afirma Trindade (2000, p. 16): “Uma prática docente que tenha como palavra-chave o diálogo, o estudo, a criação, o desejo e o compromisso com a transformação social, com a construção mesmo de uma amorosa cidadania”.

4 Discurso: da Linguagem à Libertação

O homem procura o conhecimento através da linguagem. A todo instante este se vê diante de mudanças que possibilitam seu aprendizado e é a partir desta que o sujeito tenta compreender o mundo se inserir e ser aceito nele. O interesse pelos estudos da linguagem está bem representado nas reflexões feitas por Eni Orlandi (2006):

A sedução que a linguagem exerce sobre o homem existe desde sempre. A gente pode observar esse fascínio de inúmeras maneiras: através da literatura, da poesia, da religião, da filosofia, etc. Não faltam lendas, mitos, cantos rituais, histórias e até polêmicas muito antigas que revelam a curiosidade do homem pela linguagem (ORLANDI, E. 2006, p. 8).

Para Luiz Carlos Cagliari, (1997, p. 60), outro estudioso da linguagem, esclarece que “uma língua vive na fala das pessoas e só aí se realiza plenamente. A escrita preserva uma língua como um objeto inanimado, fossilizado. A vida de uma língua está

na fala”. Por isso, é notório que é a partir da utilização do código e dos contratos sociais estabelecidos por uma comunidade de falantes que o sujeito proporciona vida à língua e possibilita que esta permaneça em constante transformação.

Em uma visão bakhtiniana, a significação é fundamental nos estudos da linguagem, já que

A sociedade em transformação alarga-se para integrar um ser em transformação. Nada pode permanecer estável nesse processo. Por isso a significação é absorvida pelo tema e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sobre a forma de uma nova significação, como uma instabilidade e uma identidade igualmente provisórias (BAKHTIN, 1988, p. 136).

Percebe-se, assim, conforme afirmamos anteriormente que a palavra tem um grande valor na construção da consciência, já que esta possui a função de signo e é fenômeno ideológico. Nunca é única, pois sempre dialoga com outros discursos em um constante duelo. Portanto, o discurso torna-se uma prática permanente da relação do sujeito sobre o mundo e sua produção acontece a partir da linguagem, ou seja, pela interação verbal que é histórica relacionando-se à ideologia.

Ainda segundo Bakhtin, a linguagem centra-se como um fator social, que parte das relações interpessoais existentes entre o sujeito falante e a interação social, sendo a partir das diversas situações vividas por este e principalmente com o contato com outros falantes. Em uma relação dialógica e de sentidos, o indivíduo compreende a forma usada em um determinado contexto, pois “[...] A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 1988, p. 95).

Nesse contexto, percebemos que Bakhtin compreende a linguagem a partir de uma concepção de totalidade, integrada ao homem. Para o filósofo da linguagem, a comunicação verbal deve ser vista em uma união com as situações do cotidiano. Esta concepção dialógica da linguagem entende que os enunciados estão ligados a seus antecessores e outros que virão. Os enunciados não existem isolados, e sim, existe uma

conexão que estabelece novos enunciados, que se compõe a partir da linguagem e da vida.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs:

[...] a língua é um sistema de signos históricos e social que possibilita ao homem significar o mundo e a realidade, assim aprendê-la é aprender não só as palavras, mas também os seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do meio social entendem e interpretam a realidade e a si mesma. (BRASIL, 2001, p. 24).

Por isso, acreditamos que o sujeito ao produzir linguagem está produzindo discursos que se localizam dentro de um determinado contexto histórico, o que determina as escolhas feitas, muitas vezes inconsciente pelo falante. Produzir discursos não é algo que se constrói no vazio, e sim a partir de constante e contínua relação com outros que já foram produzidos. Como aponta L. A. Marcuschi (1997, p. 44):

[...] o principal não parece apenas **dizer as coisas adequadamente**, como se os sentidos estivessem prontos em algum lugar cabendo aos falantes identificá-los. (...) [a escola] deveria fazer o aluno exercitar o espírito crítico e a capacidade de raciocínio desenvolvendo sua habilidade de interagir criticamente com o meio e os indivíduos. (*grifos do autor*).

Nesta perspectiva, a proposta deste trabalho está intrinsecamente relacionada com a insatisfação da pesquisadora diante do que observou na prática escolar e especialmente nos discursos de muitos alunos que apresentam poucas histórias da região amazônica em especial, a Amazônia rondoniense.

Inserido em um processo ensino-aprendizagem, buscamos investigar como trinta docentes de Língua Portuguesa, habilitados e /ou em formação, da rede básica de ensino do município de Ariquemes, Rondônia, compreendem e trabalham por um ensino multicultural. Por isso, partimos da hipótese que a defesa de um currículo multicultural é fundamental e este possibilitará ao aluno compreender, interpretar e respeitar os diversos discursos que compõem a sociedade.

Para o andamento da investigação, a técnica de coleta de dados que foi utilizada foi a observação direta no ensino aprendizagem, uma vez que a pesquisadora é professora do ensino fundamental, médio, superior e trabalha com a formação de professores de língua materna.

A partir desta realidade e compreendendo que muitas vezes o discurso não caminha junto com a prática docente, foi estabelecida a primeira pergunta para os professores que participaram da pesquisa. Assim buscamos compreender o que seria para estes envolvidos no processo de estudo um ensino multicultural.

Percebemos que os trinta professores entrevistados compreendem de maneira clara o que é um ensino multicultural. Em suas respostas, estes foram enfáticos ao responderem “Que é um ensino voltado para a diversidade cultural que nosso país e mundo oferecem”, “Que é um ensino que respeita as diferenças culturais”, “Um ensino voltado ao respeito a todas as culturas existentes”.

A partir das respostas dos docentes, verificamos que os professores possuem um discurso coerente com a teoria existente. Porém, quando são questionados quanto ao material escrito usado por estes para ministrarem suas aulas temos aí uma contradição.

De acordo com as respostas oferecidas pelos trinta docentes entrevistados, notamos que vinte e sete marcaram todas as respostas e ainda acrescentaram outros materiais usados por estes em sala de aula, como: o uso das Tic's, filmes, bulas de remédios, lista telefônica entre outros. Porém, o que mais chama a atenção é quando estes foram questionados quanto ao nome de um autor regional ou texto usado em sala. Somente um professor soube responder dizendo que: “Lembro-me de ter trabalhado uma poesia da escritora Nilza Menezes, porém não me recordo no momento o nome desta poesia”. Cinco professores disseram “Que há poucos autores na região Norte, por isso é difícil encontrar textos destes”, doze docentes responderam “Que não existem autores regionais”, sete não responderam e cinco responderam “Que muitos textos escritos na região não são considerados poesias”.

Ao analisar as respostas acima e associá-las a próxima pergunta que se referia às variedades linguísticas e diferenças culturais dos estudantes, notamos que o discurso usado pelos professores não condiz com a primeira resposta. Então questionamos: se estes não trabalham textos regionais em sala de aula como podem trabalhar um ensino multicultural? Neste contexto, é preciso compreender que se deve proporcionar voz ao povo da Amazônia brasileira, mostrando que a literatura de uma região é uma das maiores forças para entender e valorizar a cultura do outro, que possibilita as grandes mudanças sociais. Segundo os PCNs, “O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença” (BRASIL, 2001, p.31).

De acordo com Guacira Lopes Louro:

Sem alimentar uma postura reducionista ou ingênua - que supõe ser possível transformar toda a sociedade a partir da escola ou supõe ser possível eliminar as relações de poder em qualquer instância - isso implica adotar uma atitude vigilante e contínua no sentido de procurar desestabilizar as divisões e problematizar a conformidade com o ‘natural’; isso implica disposição e capacidade para interferir nos jogos de poder (LOURO, 1997, p. 86).

Nessa perspectiva, é necessário percebermos que os povos desta região não são invisíveis e encontram-se em um espaço e tempo determinado, sendo produto das condições históricas, como também narradores de suas histórias.

O professor deve compreender que a identidade de seus discentes é mais do que necessária para que se tenha um ensino multicultural. Ao reconhecer que em certa região não há literatura, ou que o que existe não pode ser considerado “bom”, é reproduzir um discurso e uma prática colonizadora. É desrespeitar a cultura, a linguagem do outro, é considerar o diferente como estranho e errado, supervalorizar o que não é local, desprezando a identidade de todas as culturas que compõem a Amazônia: indígenas, caboclos, seringueiros, negros, brancos e muitos outros, por isso,

“[...] a capacidade de dar voz a um povo afirmar sua identidade é de grande importância aos escritores e críticos pós-coloniais” (BONICCI, 2005, p. 50).

Para a última pergunta relacionada aos Livros Didáticos usados por estes professores para ministrarem suas aulas e se estes defendem um currículo multicultural, é notório observar que vinte e três docentes foram enfáticos ao responder que “Não”, com algumas justificativas que devem ser analisadas: “O livro didático não defende um ensino multicultural, porém o docente é que deve enfatizar tal diversidade”. Sete professores afirmaram que “Sim, o Livro didático aborda um currículo multicultural”, e três acrescentaram que o uso dos personagens da Turma da Mônica, do autor Maurício de Souza retrata outras regiões do país, os outros quatro não justificaram sua resposta.

É necessário compreendermos a força que possui a palavra escrita em nossa sociedade; sabemos a importância do efetivo trabalho do docente com o livro didático, pois este é uma das ferramentas mais usadas no ensino-aprendizagem brasileira. No entanto, é fundamental percebermos explicitamente o preconceito linguístico que estes materiais didáticos podem expressar. Ainda como afirma Guacira Lopes Louro

Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente - tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito ‘natural’. Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários (...) supomos que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os *institui*; ela não apenas veicula, mas produz e pretende *fixar* diferenças (1997, p. 65).

De acordo com McLarem (2000, p. 18), “O discurso da diversidade e da inclusão é muitas vezes, prejudicado com afirmações dissimuladas de assimilação e consenso, que servem como apoio aos modelos democráticos neoliberais de identidade”. Por isso, é necessário que o docente compreenda que o seu discurso deve ser coerente com as suas ações, e não reproduzir discursos já estabelecidos que estejam dissimulados e carregados de preconceitos e discriminação.

Considerações Finais

A pesquisa realizada com professores demonstrou que é preciso compreender e utilizar os discursos dos conhecimentos fora da escola; valorizar a cultura popular de cada sujeito, associando os conhecimentos de todas as formas de conhecimento ao discurso da escola. Só assim obteremos um envolvimento dos discentes com universo da escola.

Verificamos que o estudante necessita de suas experiências para compreender, interpretar e escrever dentro e fora da escola, pois é com os velhos discursos que se constroem os novos. Muita leitura, reflexão, discussão, hipóteses e mais leituras possibilitam a percepção dos diálogos entre discursos orais e escritos, assim como as diferentes relações sintáticas e semânticas para a produção textual nas mais diversas situações cotidianas.

Nessa perspectiva, a pesquisa comprova que ser diferente é saber respeitar o discurso do discente associado aos outros discursos e entendendo que o universo discursivo é vivo e está em constante transformação.

Os pressupostos do multiculturalismo nos ensinaram o respeito e o convívio à diversidade cultural e o reconhecimento de que existe o diferente, grupos distintos entre si, que não devem ser silenciados ou excluídos dos seus direitos e oportunidades para afirmar sua identidade.

Quanto à questão que busca elucidar como trinta professores da rede estadual de ensino do município de Ariquemes, cidade localizada na Amazônia rondoniense compreende o ensino multicultural, foi possível percebermos que o professor de Línguas é peça fundamental para que aconteça este processo de mudança, pois o multiculturalismo e a educação centram-se amplamente na necessidade de rever algumas atitudes e conceitos impostos pelas políticas públicas atuais. Nesse ponto reside sua importância, ao despertar e instigar nos professores a não negligência ao



multiculturalismo dentro e fora da escola, porque essa poderá causar o desprezo e não cumprimento do papel docente.

Desta forma, compreendemos que o ensino, não somente na Amazônia brasileira, mas em todo território nacional, deve possibilitar a emancipação humana, proporcionando ao estudante tornar-se sujeito histórico, ativo, criativo, participativo, interessado e protagonista na transformação social. Portanto, sabemos que o homem moderno da Amazônia rondoniense, mesmo inserido em um contexto altamente influenciado pelo capitalismo e por outras regiões do Brasil, ainda valoriza muitos costumes nativos, principalmente, influenciado pela biodiversidade que está presente todos os momentos em sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail (1988). **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BONNICI, Thomas. **Conceitos-chaves da teoria pós-colonial**. Maringá, PR: Eduem, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL, Ministério d Educação e do Desporto, SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Língua Portuguesa**, 2001.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.
- GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. **O Jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**/Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 6. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.



Revista Igarapé

Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

- LOURO. G. L. (1997) **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes.
- MACLAREN, P. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.
- MARCHUSCI, L. A. (1997). “**Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º graus: uma visão crítica**” In: *Trabalhos de Linguística Aplicada n° 30*. Campinas: Unicamp.
- NENEVÉ, Miguel. **Multiculturalismo na Amazônia: o singular e o Plural em Reflexões e ações**. In: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel, (Org.), Editora CRV. Curitiba, 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos Culturais**/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward- Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- ORLANDI. Eni Pucinelli. **O que é Linguística**. Editora Brasiliense, 2006.
- WOODWARD Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos Culturais** - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.